

Título: Lapa, 1976

Tipo de produto tecnológico: Podcast (7.4.12)

Modelo de apresentação: Exibição de podcast (7.7.3)

Orientandas: Elis Montenegro Suzuki, Isabella Schneider Dallolio e Sophia Maria Iliadis

Orientadoras: Bianca Margarita Damin Tavolari e Maíra Rocha Machado

RESUMO SIMPLES

Em “Lapa, 1976”, revisitamos um episódio trágico da história brasileira recente: o Massacre da Lapa - fato que sofreu processo de apagamento da memória coletiva, assim como muitos outros da ditadura de 1964. Construimos a narrativa do dia 16 de dezembro de 1976 à luz da casa da Rua Pio XI, nº 767, onde o Comitê Central do PCdoB foi brutalmente atacado pelo regime militar. Atualmente, o imóvel não possui mais registros do que um dia foi: suas paredes foram derrubadas para dar lugar à clínica médica urológica de Heitor Buzzoni, estabelecimento que não remete à memória que carrega aquela propriedade.

Discutimos o funcionamento dos aparelhos clandestinos, a violência da repressão e o impacto desse episódio na vida de sobreviventes e familiares. Por meio de entrevistas sensíveis com Elenira Vilela e Pedro Estevam da Rocha Pomar, e a partir de ampla pesquisa documental, refletimos sobre a relação entre direito à memória e direito à cidade: como preservar a lembrança de um espaço demolido e apagado do cenário urbano?

Exploramos as consequências da ausência de tombamento da casa, a política do esquecimento instaurada no Brasil pós-ditadura e os desafios contemporâneos para a efetivação da memória coletiva e da justiça de transição. Mesmo após a Comissão da Verdade, que teve papel essencial no desenterramento de documentos, o país ainda carece de registros do que ocorreu naquela época, e, mesmo o que já foi descoberto parece estar sendo deixado de lado.

Com trilhas cuidadosamente escolhidas e narração envolvente, o podcast propõe uma reflexão crítica e necessária sobre o passado que insiste em permanecer no presente, em um país onde a violência de Estado e a impunidade ainda moldam o cotidiano de muitos. É um convite ao ouvinte para mergulhar nessa trama: é a história do Brasil, pela lente desse acontecimento e dessas pessoas.

FICHA TÉCNICA

Podcast: Lapa, 1976

Descrição: Neste episódio, discutimos o massacre da Lapa, que ocorreu durante a ditadura civil-militar brasileira, com foco na Casa da Lapa e o seu simbolismo histórico.

Apresentação:

- Elis Montenegro Suzuki
- Isabella Schneider Dallolio
- Sophia Maria Iliadis

Entrevistados:

- Elenira Oliveira Vilella
- Pedro Estevam da Rocha Pomar

Colaborações de voz:

- Guilherme Nakid Prado
- Reginaldo Alves Filho

Voz do ministro:

Trecho original do voto do ministro Cezar Peluso, no julgamento da ADPF 153, Supremo Tribunal Federal (2010).

Roteiristas:

- Elis Montenegro Suzuki
- Isabella Schneider Dallolio
- Sophia Iliadis

Editora de áudio:

Elis Montenegro Suzuki

Créditos de trilha sonora:

- “Apesar de Você”, Chico Buarque
- “Pequena Memória Para Um Tempo Sem Memórias”, Gonzaguinha

Agradecimentos especiais:

- Bianca Margarita Damin Tavorari
- Luisa Mozetic Plastino
- Maíra Rocha Machado

Instituição responsável:

Escola de Direito de São Paulo da FGV

RESUMO EXPANDIDO

Lapa, 1976 é um projeto que busca reconstruir, narrar e refletir sobre o episódio conhecido como o Massacre da Lapa, ocorrido em 16 de dezembro de 1976, durante a ditadura civil-militar brasileira. Por meio da produção de um podcast, o trabalho propõe uma análise crítica sobre os efeitos do apagamento histórico e físico do local onde o massacre ocorreu: a casa de número 767 da Rua Pio XI, no bairro da Lapa, em São Paulo.

O objetivo da pesquisa foi compreender como o esquecimento institucionalizado da ditadura se reflete em decisões urbanas e como esse processo impacta o direito à memória e o direito à cidade. Atualmente, o espaço é uma clínica médica urológica e não há registro de preservação da casa como ferramenta de combate ao esquecimento. O imóvel está listado como bem da repressão no Memorial da Resistência, mas não há processo de tombamento, segundo o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT).

O estudo parte do entrelaçamento entre conceitos fundamentais como o direito à memória, entendido como coletivo e plural, cuja preservação exige políticas públicas voltadas à reparação simbólica e à justiça de transição, de acordo com Camilo Umaña, especialista em direitos humanos. Discute-se também o conceito de direito à cidade, debatido por autoras como Bianca Tavorari, que compreendem a cidade como espaço de disputa, produção de desigualdades e também de resistência.

A metodologia empregada é qualitativa, exploratória e interdisciplinar. O podcast foi construído a partir de documentos oficiais, como a matrícula do imóvel, registros públicos e legislações sobre tombamento; de entrevistas com Pedro Estevam da Rocha Pomar e Elenira Vilela, cujas famílias foram diretamente afetadas pelo massacre; e de pesquisa bibliográfica em materiais acadêmicos, jurídicos e jornalísticos. Destaca-se também a produção literária de Pedro Estevam da Rocha Pomar, intitulada “Massacre Na Lapa: Como O Exército Liquidou O Comitê Central Do PCdoB, São Paulo, 1976” e outras produções de sua família: o livro de Wladimir Pomar, o documentário de Beatriz Pomar e a animação de Amanda Pomar.

Ademais, o processo envolveu a roteirização, gravação, seleção de trechos das entrevistas e edição, com atenção à articulação entre narrativa histórica e crítica política, utilizando-se de linguagem acessível. A equipe também analisou a ausência de ações efetivas do Estado para preservar locais de repressão política, mesmo frente a políticas que têm esse intuito. O projeto pretende atingir principalmente pessoas que não conhecem o episódio, para contribuir para a democratização do conhecimento. Acima de tudo, é um convite ao ouvinte, para que pesquise e conheça mais sobre esse episódio que marcou a história do Brasil.

O podcast foi desenvolvido e apresentado na disciplina “Território e Custódia Estatal: Direito à Cidade, Direito à Vida e Direito à Memória”, ministrada pelas professoras Bianca Tavolari e Maíra Machado na Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas. O produto ainda não é público, mas será disponibilizado no repositório digital FGV Dataverse, contribuindo para o acesso público e gratuito ao conhecimento. A equipe também pretende disponibilizá-lo no Memorial online do DOI-CODI, a convite da historiadora Deborah Neves.

No episódio, é narrado o funcionamento da Casa da Lapa como um aparelho político utilizado pelo Comitê Central do PCdoB até o dia do massacre, que resultou em três mortos e na tortura dos outros detidos. Os depoimentos de Elenira e Pedro revelam a complexidade da vida na clandestinidade, os impactos diretos da chacina e a dor provocada pelo silêncio e pela impunidade. Também é discutida a demolição do imóvel e o apagamento de sua história.

A discussão se conecta diretamente à Política Nacional do Patrimônio Cultural, prevista no artigo 216 da Constituição Federal e regulamentada pelo Decreto-Lei nº 25/1937, estabelecendo o tombamento como ferramenta de preservação de bens de valor histórico. O caso exemplifica limites dessa política: apesar de seu valor histórico indiscutível, o imóvel nunca foi inventariado nem protegido, evidenciando o descompasso entre o discurso de valorização da memória e a ação prática do Estado. O trabalho também dialoga com o PAC Cidades Históricas, programa federal que buscou articular restauração de imóveis tombados e desenvolvimento urbano, ressaltando que a exclusão de locais da resistência política desses programas revela um projeto seletivo de preservação do passado, somado a uma tentativa de apagamento dessa história por uma parte da sociedade.

Outro ponto central é a pluralidade da memória e suas formas de expressão. A obra destaca que o tombamento é apenas uma entre muitas formas possíveis de manter viva a história. A reflexão se amplia ao abordar o impacto contínuo da ditadura na atuação da polícia militar, na ausência de responsabilização dos torturadores e na dificuldade de construir uma memória nacional que reconheça os traumas causados pela violência estatal.

Logo, a produção se posiciona como uma das formas de reparação simbólica, ao ocupar o espaço vazio deixado pela casa demolida com vozes que contam, denunciam e resistem. Com trilha sonora cuidadosamente escolhida, trechos de falas reais e pesquisa comprometida, *Lapa, 1976* é uma tentativa de reconstruir a presença do que foi apagado: uma contribuição à luta pela memória, verdade e justiça. Quebra-se o silêncio imposto pela ditadura e perpetuado até os dias de hoje, através da fala.

Trabalho disponível em <https://vimeo.com/1091911733/e6704a53c9>.